

AS PRAÇAS NA CONFORMAÇÃO URBANA DA CIDADE DE ARAGUARI: DO INÍCIO DO SÉCULO XIX À METADE DO SÉCULO XX

Rafaela Borsato Belo¹

RESUMO

A pesquisa “As praças na conformação urbana da cidade de Araguari: do início do Século XIX à metade do Século XX” faz parte do Projeto “As praças na conformação dos espaços urbanos das cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: do início do século XIX a meados do século XX” que é desenvolvida por pesquisadores do *Núcleo de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo* e do *Núcleo de Estudos Urbanos* da Universidade Federal de Uberlândia. Teve como objetivo central a coleta, sistematização e interpretação dos dados e informações referentes aos objetos de estudo, três importantes praças da cidade de Araguari, Minas Gerais: a Praça da Matriz Monsenhor Nilo Tabuquini, a Praça do Rosário e a Praça Manoel Bonito; e também de contribuir para a melhor compreensão sobre a importância e o papel desempenhado por estas praças na conformação urbana da cidade de Araguari, assim como sua relevância para a paisagem contemporânea.

Palavras-chave: Araguari; praças; conformação urbana.

ABSTRACT

The research "The squares in the urban conformation of the town of Araguari: the early nineteenth century to the mid twentieth century" is part of the project "The squares in the conformation of the urban cities of the Triangulo Mineiro and Alto Parnaíba: the early nineteenth century the mid-twentieth century " developed by the research team of the *Theory and History of Architecture and Urbanism Lab* and *Urban Studies Lab* of the Universidade Federal de Uberlândia. Had as its central objective the collection, organization and interpretation of data and information relating to study objects that are three important squares of the city of Araguari, Minas Gerais: the Cathedral Square Monsignor Nilo Tabuquini the Square Rosary and Square Manoel Bonito, and also contribute to a better understanding of the importance and role of these squares in the conformation of the town of Araguari, as well as its relevance to the contemporary landscape.

¹Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - FAUeD, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Foi bolsista de Iniciação Científica no Núcleo de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo- NUTHAU na mesma instituição e realizou graduação sanduíche na Università degli Studi di Roma La Sapienza pelo período de 12 meses com ênfase em Elementos de Restauro

Keywords: Araguari; squares; urban conformation.

1. INTRODUÇÃO

Existem, desde os primórdios da civilização humana, registros que tratam das diferentes relações que a praça estabelece com a cidade, assim como das várias formas de uso e apropriação desse espaço público pelos cidadãos, sejam acontecimentos sociais, sejam acontecimentos políticos. A palavra ‘praça’ - do latim *plateia* - significa “ruas largas, local para reuniões públicas” e também “lugar público cercado de edifícios; largo; mercado: feira” (FERREIRA, 1985). A análise histórica desse espaço urbano embasa a compreensão da influência que a praça exerce sobre a cidade e seus indivíduos.

Historicamente, praça é um espaço planejado e marcado para a vida pública das cidades. As praças na Idade Média e no Renascimento eram instaladas nos centros das áreas de maior densidade populacional e quase sempre com uma presença religiosa, por exemplo, a igreja. Uma praça, na definição mais básica, é um lugar público acessível a todos os transeuntes, em cujo entorno visualizam-se moradas, casas comerciais e, atualmente, grandes edifícios. Pode estar situada nos centros de uma grande metrópole ou de um bairro periférico. (SOARES, 2007, p.25).

Dentro da lógica da análise histórica CALDEIRA (1998, p.13) reforça esse pensamento:

A integração entre morfologia, estética e apropriação é que permite a formação de praças, como espaços simbólicos, lugares de memória, *alma* da cidade. (...) as cidades (na Antiguidade) se formavam a partir dos seus espaços de convivência. Pertencer à cidade, ser cidadão, era habitar os lugares de reunião, era compartilhar o culto, participar das assembleias, assistir às festas, acompanhar as procissões, vivenciar os espaços, participando da vida pública.

Os portugueses, com a colonização brasileira, se deparam com um cenário bem diferente do que eles estavam habituados. Além de terras habitadas, a então Terra de Vera Cruz, possuía peculiaridades em sua ocupação.

Em sua tese, CALDEIRA (1998, p.65) caracteriza essa afirmação:

Esses habitantes, os tupis, viviam em um ambiente muito distinto das referências urbanas portuguesas. Eram nômades e agrupavam-se em pequenos núcleos, denominados aldeias. Tais assentamentos, que ocupavam a costa do Brasil, constituíram a primeira forma de organização espacial encontrada pelos portugueses.

Buscando entender a origem e as relações estabelecidas pelo urbanismo português, e como o mesmo pode interferir no modo de ocupação do território brasileiro, TEIXEIRA (1999, p.13):

A história urbana portuguesa e a história urbana brasileira não são, pois, independentes, elas são antes duas componentes da mesma história que será necessário acompanhar nas suas múltiplas ligações e influências mútuas, sendo necessário o seu estudo conjunto para a sua compreensão.

Nesse sentido, na formação do Brasil Colônia percebe-se a influência clara do urbanismo português, no qual:

As praças do Brasil Colonial eram o centro de reunião da vida urbana, em que se realizavam as cerimônias cívicas e toda sorte de festividades religiosas e recreativas, e serviam ainda, aos mercados e às feiras. Nelas se localizavam os edifícios principais, que mais enobreciam a cidade: a Casa de Câmara e Cadeia, a casa dos Governadores, e a igreja matriz. A presença desta última é uma característica comum às aldeias e vilas que deram origem a muitas cidades brasileiras. (SANTOS, 2001, p.72)

Caracterizando o traçado urbano estabelecido pelos portugueses no Brasil e exemplificando o modo de ocupação das cidades brasileiras DELSON (1979, p.), em sua obra intitulada “Novas Vilas para o Brasil- Colônia, Planejamento Espacial e Social no Século XVIII” coloca:

Segundo as opiniões geralmente aceitas, as cidades brasileiras originaram-se de povoações espontâneas não planejadas, em vez de obedecer as normas de planejamento metropolitano. A sapiência convencional conclui que esse crescimento aleatório só foi contestado no final da década 1950, quando a criação da nova capital federal, Brasília, anunciou uma nova era de consciência urbana no Brasil. (...) Para o que aceitam o mito de que tradicionalmente não havia nenhuma regulamentação para a cidade brasileira, a idéia de que houve antecedentes de um planejamento urbano abrangente no Brasil datando do século XVIII deve parecer algo como uma anormalidade. (DELSON, 1979).

Assim como DELSON (1979), TEIXEIRA (2001) entende a existência de dois modelos urbanos no âmbito das práticas urbanísticas portuguesas, uma que ele denomina “vertente vernácula”, que tem como característica uma grande ligação com o sítio, e outra chamada de “vertente erudita”, que se baseia em sistemas ortogonais. Para este autor, estes dois tipos de implantação de cidades sucederam-se ao longo do tempo, dependendo das

condições específicas de cada lugar, podendo também existir de forma combinada em um mesmo lugar.

Nos séculos XVII e XVIII as novas malhas urbanas são cada vez mais definidas através de traçados geométricos globais, frequentemente ortogonais, tendo geralmente praças regulares como elementos centrais e geradores de todo o traçado. Os principais edifícios institucionais, nomeadamente Igrejas Matrizes e Casas de Câmara, continuam a localizar-se nas praças, e a constituir os seus principais elementos, quer do ponto de vista formal quer funcional. No entanto, a sua localização é aqui completamente subordinada ao traçado geométrico, e são as praças que assumem o papel de principais elementos estruturadores do plano. (TEIXEIRA, 2001, s/p)

No Brasil, esse modelo de constituição de vilas e cidades se reproduz, ainda que haja a prevalência de traçados mais orgânicos, acomodando as estruturas urbanas ao relevo acidentado. As praças, portanto, têm lugar de destaque como elemento que estrutura o traçado urbano, por abrigar as mais importantes edificações – como templos, palácios e casarões, Casas de Câmara e Cadeia, etc – e como ponto privilegiado de sociabilidade.

Entende-se esse espaço urbano como um meio de articulação e promoção política; de expressão cultural e social de uma sociedade; é nele que se dá o acontecimento festivo, social, econômico e nele também o homem é capaz de expressar os pensamentos e ações convenientes a uma determinada época. O recorte da praça dentro desse contexto urbano facilita os estudos para a compreensão da maneira com a qual o espaço vai se reinventando para permanecer com vitalidade na vida urbana.

A pesquisa “As praças na conformação urbana da cidade de Araguari: do início do Século XIX à metade do Século XX” faz parte do Projeto “As praças na conformação dos espaços urbanos das cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: do início do século XIX a meados do século XX” e teve como objetivo central a coleta, sistematização e interpretação dos dados e informações referentes aos objetos de estudo, três importantes praças da cidade de Araguari, Minas Gerais: a Praça da Matriz Monsenhor Nilo Tabuquini, a Praça do Rosário e a Praça Manoel Bonito; e também de contribuir para uma melhor compreensão sobre a importância e o papel desempenhado por estas praças na conformação urbana da cidade de Araguari, assim como sua relevância para a paisagem contemporânea. Paralelamente ao desenvolvimento de pesquisa bibliográfica, tanto sobre a conceituação de praça no âmbito da arquitetura e do urbanismo, quanto sobre a história da cidade e sua inserção regional, a principal ferramenta metodológica da pesquisa foi a pesquisa hemerográfica e iconográfica empreendida no Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, de Araguari.

A partir dessas pesquisas, foi possível detectar várias similitudes entre o processo de ocupação dessa porção do estado de Minas Gerais e os aspectos levantados por TEIXEIRA (2001). Embora não se possa falar de um planejamento urbano propriamente dito nas cidades da região, a observação das diversas estruturas urbanas de seus núcleos iniciais – estabelecidos a partir de finais de século XVIII e início do século XIX –, revela algumas constantes no agenciamento desses espaços que permite supor a consciência, por parte dos povoadores, de alguns padrões de organização espacial que se mantiveram ao longo desse período e que lançam as bases de sua conformação espacial. Invariavelmente, a formação dos núcleos urbanos nessas regiões se deu a partir da constituição de um patrimônio religioso e teve como elemento ordenador de seu espaço físico a capela e seu adro, criando um espaço centralizador regular, em torno do qual se estabeleceram as primeiras residências e os principais edifícios e de onde partiam as primeiras vias.

Nesse primeiro momento, esses espaços fronteiriços às capelas e igrejas não recebiam nenhum tratamento paisagístico especial, porém, longe de se identificar como meros espaços residuais, esses espaços livres se constituíam em espaços de representação e de estabelecimento da sociabilidade cidadina. Ali eram realizadas festas religiosas – atividades oficiais, que são tanto relacionadas com a presença forte da Igreja nos tempos coloniais, quanto é manifestação da ligação atávica que essa instituição tinha com o poder constituído. Como lembra MARX (1989, p. 62;64):

Ora, tais manifestações públicas religiosas eram oficiais também. Davam-se no espaço comum e exigiam um cenário condizente. Mais do que isso, implicavam um calendário obrigatório para todos, o litúrgico, observado não apenas por eventuais fiéis mas por todos os súditos de um governo que o cumpria a par da Igreja. [...] Tais eventos oficiais de cunho religioso pontuavam o tempo, o calendário, e os espaços, as áreas comuns, especialmente as urbanas.

Mesmo com o declínio das atividades de caráter religioso, os espaços livres defronte aos templos permanecem como local de convívio social e de reunião cívica, mantendo sua importância na malha urbana que se adensa e cresce.

A partir das primeiras décadas do século XX, quando os primitivos núcleos passaram a receber melhorias urbanas – tais como: pavimentação das ruas, fornecimento de energia elétrica e água canalizada – os espaços livres também passam a ser alvo das atenções públicas, estabelecendo os primeiros espaços tratados propriamente como praças e/ou jardins,

com arborização, passeios, canteiros e equipamentos para uso da população (ROBBA e MACEDO, 2002, p. 28).

Não distante da arquitetura, as praças públicas passam a ser objeto de uma maior preocupação no Brasil em meados do século XIX. É possível compreender a morfologia urbana das cidades, no que cabe ao espaço da praça pública, através da análise da origem desses espaços. Para LEMOS (1982, p.35) “já no final do século XIX e início deste (século XX), as definições de arquitetura assumiram modo de olhar diverso, fazendo surgir textualmente outro protagonista no elenco dos elementos significativos: o espaço”.

Seguindo a metodologia de pesquisa iconográfica e na hemeroteca do Arquivo Municipal Público Dr. Calil Porto, buscou-se levantar dados que justificassem a importância que as praças exerceram na conformação urbana na cidade de Araguari, MG.

2. ARAGUARI: HISTÓRIA, CONFORMAÇÃO URBANA E AS IMPORTÂNCIAS DE SUAS PRAÇAS.

A cidade de Araguari se localiza na região do Triângulo Mineiro que ocupa a área mais oriental do Estado de Minas Gerais. Com o início de seu desbravamento datando do Século XVII, e sua efetiva ocupação ocorrendo apenas a partir de finais do Século XVIII e início do Século XIX, o lançamento de inúmeros núcleos de povoamento que se consolidaram, sobretudo, na segunda metade desse último século, passam a ser constituídos em paróquias e vilas, refletindo o processo de adensamento da região.

Ainda durante o Século XIX, a construção de novas capelas – em especial as capelas dedicadas a Nossa Senhora do Rosário – originam novas áreas abertas que, tanto orientam a expansão urbana como se convertem em novo elemento ordenador do espaço no seu entorno. Como exemplo disto, a cidade de Araguari tem sua formação a partir de início do Século XIX baseada principalmente na inserção destas duas igrejas, que até então eram capelas: a Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus da Cana Verde e a Igreja Nossa Senhora do Rosário. A cidade de Araguari é um importante exemplo do processo de formação dos núcleos urbanos da região, em que os adros e largos surgidos no Século XIX serão convertidos em praças que, mantendo em geral o mesmo perímetro, sofre alterações na sua organização espacial, incorporando novos equipamentos e arranjos internos, novos usos e funções.

De acordo com o periódico “Você Sabia?” (2008) produzido pelo Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto em Araguari, extraídos de jornais da época:

A partir do ano de 1864, a edificação de uma capela e a transformação do distrito em Freguesia, propiciou uma maior aglutinação de pessoas. A Freguesia, segundo a estrutura colonial instituída pelo Estado Português, representava a elevação de toda uma região ao status de Paróquia, e isso significava assistência religiosa permanente e acesso direto à Igreja e ao Estado.

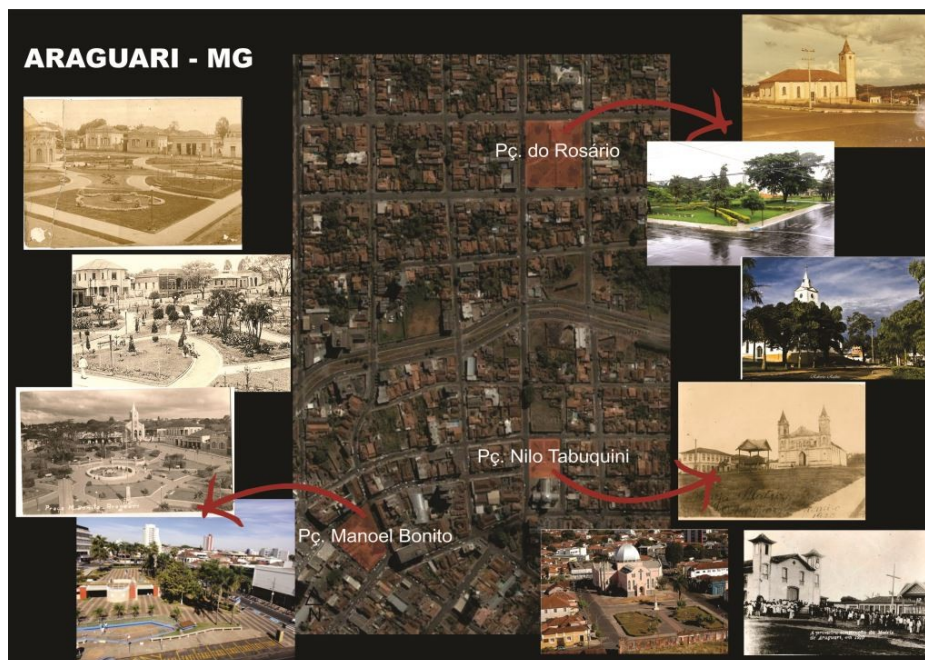


Figura 1: Mapa de parte do centro da cidade de Araguari com a implantação das três praças pesquisadas. Fonte: Imagens, Arquivo Publico Municipal de Araguari e Google Earth; Montagem, Vanessa Vidal e a autora, 2012.



Imagem 1: Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus da Cana Verde do Brejo Alegre nas décadas de 1910. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.



Imagem 2: Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus da Cana Verde do Brejo Alegre nas décadas de 1920. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.



Imagem 3: Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus da Cana Verde do Brejo Alegre na década de 1940. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.

Ainda segundo as pesquisas feitas no Arquivo Público Municipal de Araguari, na edição “Você Sabia?” (2006),

O Largo e ou Praça da Matriz foi o palco dos acontecimentos religiosos, ocorridos com festejos católicos, assim como políticos e judiciais, pois no local instalou-se o prédio da Câmara, Cadeia (1884), Fórum (1892), e também os sociais, pois foi cenário de diversos formatos de apresentações culturais. Estruturado apenas com um coreto, destinado a apresentações de retretas aos domingos e feriados, o lugar era o núcleo atrativo da cidade.

Nesse exemplo já é possível perceber como o uso desse espaço público, o então Largo da Matriz, está condicionado à ocupação de seu entorno.



Imagem 4:
Largo da
de 1940.
Público
Porto.



**Apropriação do
Matriz na década
Fonte: Arquivo
Municipal Dr. Calil**

Imagem 5: Apropriação do Largo da Matriz na década de 1950. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

Em consulta a hemeroteca do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto de Araguari é comum se deparar com notícias referentes ao período do final do século XIX e início do século XX, que referenciam a origem da cidade ligada a origem da Igreja Matriz:

A Paróquia de Senhor Bom Jesus da Cana Verde de, Araguari, foi criada pela Lei Provincial Num. 1847, de 3 de abril de 1840. Chamava-se, então, Arraial da Ventania. Tendo sido elevado o dito arraial à categoria de vila, em 19 de outubro de 1882, passou a chamar-se Brejo Alegre. Com sua elevação a cidade, em 1888, começou a denominar-se Araguari, nome de um dos rios nos limites do Brasil com a Guiana Francesa, e de um vapor de guerra que operou, com admiráveis façanhas, na Guerra do Paraguai. (...) A atual matriz da paróquia já é a terceira, sendo que a primitiva era situada na mesma Praça (Largo), a uns cem metros abaixo da atual, que é a terceira, construída no mesmo lugar que a segunda. (REVISTA O GUARANI, 1952 p.20).

A Igreja Católica exercia grande influência na vida social da cidade. Como dito anteriormente e agora aqui exemplificado, a cidade expressa vitalidade nos espaços públicos principalmente quando estes são diretamente influenciados pela importância do seu entorno. A Igreja Matriz promovia festividades em datas comemorativas e a religiosidade, que em muitas vezes abastecia a vida social da cidade, era motivadora da ocupação desses espaços. Não diferente da Igreja, as figuras políticas se apropriavam desses espaços devido a importância de uso já estabelecida.

No final do século XIX, Araguari passava por uma fase de melhoramentos na estrutura urbana. Os calçamentos estavam sendo construído, o alinhamento das vias, em relação às edificações existentes, e a inserção da iluminação pública já programada. Essas

transformações culminaram na demolição da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus da Cana Verde. A nova igreja teria sua obra parcialmente finalizada, mas pronta para uso, no ano de 1941. O projeto separou através da inserção de uma via a Igreja Matriz de seu largo.

A Praça da Igreja Matriz é concebida para ser a praça principal se tornando ponto de referencia da região central da cidade. A partir disso nota-se a relação urbana que tal fenômeno acarreta: criação de fluxos mais intensos; marcos visuais, como ponto chave para construção do primeiro edifício em altura da cidade na década de 1960 e referência nos eventos da sociedade. As últimas modificações morfológicas sofridas tanto pela igreja, como pela praça, podem ser justificadas por interesses religiosos, como meio de atrair e comportar melhor os fiéis, ou também por interesses político/administrativos que visam a promoção da “qualificação” dos espaços urbanos públicos como maneira de divulgar o trabalho da gestão.



Imagem 6 e 7: Última modificação realizada, na década de 1940 na Igreja Matriz e a atual configuração da hoje chamada Praça Pe. Nilo Tabuquini. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

A Praça do Rosário, como no caso da Praça da Matriz, não pode ser dissociada da Igreja Nossa Senhora do Rosário; uma vez que por causa desta a praça foi originada. A Igreja teve sua construção em 1865, pelo capelão José do Ó Ribeiro, erigida na margem oposta do Córrego do Brejo Alegre. A localização escolhida para a capela ou igrejinha, como era conhecida pelos fiéis, acompanhou a regulamentação das *Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia*² e foi edificada com estrutura autônoma de madeira e vedações de adobe, com o seu interior em madeira talhada e pintada na cor branca. Nesse período Araguari era ainda um Distrito e seu nome era Brejo Alegre.



Imagem 8 e 9: Igreja Nossa Senhora do Rosário na década de 1930 e 1940, respectivamente. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.

Em meados do século XIX, nasceu o Largo do Rosário e Nossa Senhora do Rosário foi escolhida como orago para a capela devido à sua aceitação em âmbito nacional pelos afro-brasileiros. Segundo dados levantados pelo arquivo histórico da cidade, trinta anos após a construção dessa capela, em 1895, foi desenvolvido um projeto urbanístico para a cidade de Araguari. Com esse projeto as ruas, praças e avenidas passaram a ser identificadas por números, ficando o Largo do Rosário identificado pelo número 3.

A apropriação do Largo do Rosário por parte dos moradores passou a acontecer devido a novenas promovidas pela Paróquia Matriz. Eram grupos montados por moradores locais e da região.

² No início do século XVIII, refletindo a teologia moral em vigor e sintetizando as ideologias religiosas reinantes, surgiram, no Brasil, as *Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia*, publicadas em 1707, pela Igreja Católica (...). Esta obra traduzia, de forma muito fiel, as tendências teológicas daquele momento específico, bem como normatizava a prática religiosa, detalhadamente, para uma sociedade específica, que era a sociedade colonial. As *Constituições* estão organizadas em um conjunto de cinco livros muito pouco conhecido no mundo acadêmico, mormente na História da Educação, e mesmo, na História do Brasil Colonial. É, entretanto, obra indispensável para qualquer pesquisador que trabalha com a História, uma vez que foi elaborada por uma equipe de peritos, dentre os quais estavam os maiores teólogos coloniais, e serviram de orientação pedagógica e religiosa para toda a sociedade. (CASEMIRO, XXXX)

No início do século XX, o perfil religioso da cidade de Araguari se mantinha nos largos das igrejas Matriz e Rosário, frontal e paralelamente alinhados. Esse perfil também se concentrava na Igreja Presbiteriana desde o ano de 1893, data da fundação de sua primeira sede. Porém, somente no ano de 1946 que a mesma ergueu uma sede na Praça Manoel Bonito, relação esta que ainda será analisada neste.

Na década de 1940, devido a intempéries e falta de manutenção, foi anunciada a demolição da Igreja do Rosário devido ao nível de degradação a qual a mesma se encontrava. Na época, várias pessoas mostraram-se contra a demolição com o intuito de salvar o patrimônio mais antigo da cidade.

O Jornal Gazeta do Triângulo de 1949 traz uma nota na qual o autor, identificado pelas iniciais P.M, demonstra o seu descontentamento com a ideia de demolição da Igreja: “Essa igreja e suas duas festas anuais talvez sejam as únicas reminiscências do pitoresco Brejo Alegre de antanho. Tudo o mais, homens e coisas de então, foi sorvido pela voragem do tempo e a picareta do moderno progresso.”

A referida Igreja foi demolida em 1953 e a construção da nova igreja permeou pelos anos de 1954 a 1961, quando foi oficializada sua inauguração a 6 de outubro.



Imagem 10: Igreja N. S. do Rosário na década de 1980. A Igreja construída na década de 60 não foi alterada em sua morfologia. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.



Imagem 11: A mesma Igreja, mas nos dias atuais. Fonte: A autora.

As mudanças relatadas até o momento faziam referência somente àquelas sofridas pelo edifício da Igreja. Depois da edificação da nova igreja, a Praça do Rosário não havia recebido nenhum tipo de tratamento paisagístico, ou, como chamado na época, nenhum ajardinamento. Quando o projeto de ajardinamento foi iniciado, foi motivo de grande comemoração na cidade, exemplificado pela reportagem no Jornal Gazeta do Triângulo de 15 de julho de 1962:

Indo de encontro aos anseios dos moradores do Bairro do Rosário, determinou o Sr. Prefeito Municipal Dr. José Jeová Santos, que se desse início aos trabalhos de ajardinamento da praça do Rosário, bem como o calçamento da rua Dom Silvério. Trata-se de bairro muito populoso, que se vê agora contemplado com melhoramento de grande alcance que, sem dúvida alguma irão influenciar, no sentido de incentivar-lhe progresso, com a construção de mais prédios, com a criação de investimentos comerciais e industriais.

Considerando que os objetivos dessa pesquisa é o levantamento da conformação urbana na cidade de Araguari até a metade do século XX, dissertar sobre o desenvolvimento destas praças depois desse período pode ser equivocado. O que se deve compreender, principalmente depois do levantamento da praça citada acima, são as influências e os papéis que estas praças desempenham junto às mudanças da sociedade. A cidade reflete a mentalidade da sociedade que tem a vida acontecendo nos espaços públicos em um contexto aonde ainda é necessário frequentar a cidade para ter notícia dos amigos, da política e dos avanços do país.

A terceira praça pesquisada é a hoje chamada Praça Manoel Bonito. Como as praças analisadas anteriormente, a Praça Manoel Bonito teve grande importância nos acontecimentos de consolidação do espaço urbano de Araguari. Sua localização privilegiada, no coração do centro da cidade, a fez cenário dos mais diversos acontecimentos locais.

Inicialmente a praça era conhecida somente como Largo; no final do século XIX início do século XX com o novo projeto urbanístico para a cidade, a praça passa a se chamar Largo 05.

A conformação urbana deste local foi acontecendo de acordo com as construções das edificações do seu entorno. No ano de 1906, o Largo 05 passa a se chamar Praça Francisco Salles, em homenagem ao então Presidente do Estado Mineiro.

Não fugindo do cunho religioso, no ano de 1908 a então Praça Francisco Salles, passou a abrigar a primeira igreja protestante na cidade, a Igreja Presbiteriana.

A inserção dessa igreja na parte superior da praça, se destacando no entorno, fez com que a mesma passasse a ser conhecida como “Largo dos Protestantes”.



**Imagem 12: A antiga Praça Francisco Salles, então conhecida também por Largo dos Protestantes na década de 1920.
Fonte: Arquivo Publico Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.**



**Imagem 13: A antiga Praça Francisco Salles, então conhecida também por Largo dos Protestantes na década de 1930.
Fonte: Arquivo Publico Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.**

Essa praça é um bom exemplo de como os acontecimentos locais e até mesmo nacionais, exercem grande influência na conformação do espaço público.

O contexto nacional influenciaria na organização política das pequenas e grandes cidades brasileiras. Com a Revolução de 1930, acontecimentos consequentes e quando finalmente Vargas assume o poder, toma como medida dissolver o Congresso Nacional, as Assembleias Estaduais e as Câmaras Municipais, substituindo assim o Agente de Estado pelo então criado cargo de Prefeito de Comarca.



Imagem 14: Igreja Presbiteriana na década de 1940. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Araguari, MG.

Dado esses acontecimentos em 1930, Araguari foi governada por um Conselho Consultivo, exercido por cinco pessoas. No ano de 1938, no período do Estado Novo, Araguari encontra-se em crescimento e o comércio era cada vez mais abastecido devido ao movimento econômico criado pelas companhias férreas da cidade, a Cia. Mogiana de Estrada de Ferro e a Estrada de Ferro Goiás.

Com a atividade comercial em destaque, nasce a figura do empresário português Manoel dos Santos Laureano, mais conhecido como Manoel Bonito. Este empresário exercia grande influência social e política na cidade e assim mandou instalar uma fonte luminosa na praça para compor um conjunto juntamente com um grande pedestal com relógio e local para o pavilhão nacional. A fonte ficou localizada no centro da praça tendo o maquinário adquirido pelo Poder Municipal e posteriormente o nome da praça foi modificado para, em homenagem ao comerciante português, Praça Manoel Bonito.

De acordo com jornais e periódicos da época, durante a Segunda Guerra Mundial a população local aglomerava-se na praça para acompanhar diariamente as últimas novidades e ouvir as convocações dos jovens para participarem da FEB- Força Expedicionária Brasileira. Também de acordo com esse material, a primeira televisão a cores da cidade foi adquirida pelo Poder Municipal e alocada nesta praça, para que toda a população pudesse ter acesso a tal equipamento.



Imagem 14: Entorno da Praça Manoel Bonito na década de 1940. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.

Os anos dourados que permearam as décadas de 1950 e 1960, marcaram um período de grande glamour na sociedade araguarina. A Praça Manoel Bonito foi palco de apropriações de cunho social e servindo de referência para comércios e residências mais nobres. O que parece, é que a Praça da Matriz “some” diante da importância que a Manoel Bonito assume no contexto urbano. Isso pode ser notado mesmo pelo diferente tratamento que os dois espaços públicos recebem: enquanto a Manoel Bonito se atualiza e é cuidada pelo poder público, a Matriz fica naquele cenário desolador, sem nenhum tipo de tratamento urbano e paisagístico.

É importante destacar que a conformação urbana das praças de Araguari tentava se adequar às comuns tendências de espaços públicos no país. Se era comum o ajardinamento, se ajardinava; se o calçamento já não contemplava a “moda”, era trocado. Sendo assim, na década de 1960 com o a ascensão do modernismo com destaque para a construção de Brasília-DF, a Praça Manoel Bonito, que contemplava as necessidades estilísticas de um tempo tido como passado, com seus densos ajardinamentos e sua paisagem bucólica, sucumbe e dá lugar a uma arrojada estrutura com palco elevado para apresentações cívicas e culturais. João Jorge

Cury é o arquiteto responsável por este projeto e o mesmo é executado por Adolpho Carlos Carísio e Mário Menezes.



Imagem 15: Praça Manoel Bonito na década de 1950. Fonte: Arquivo Publico Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.



Imagem 16: Praça Manoel Bonito na década de 1950. Fonte: Arquivo Publico Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.



Imagem 17: Praça Manoel Bonito na década de 1960, com o projeto de João Jorge Cury já executado. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.



Imagem 18: Praça Manoel Bonito na década de 1960, com o projeto de João Jorge Cury já executado. Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Araguari-MG.

A população local recebeu a intervenção com entusiasmo e a entendeu como sinal de progresso e prosperidade para a cidade, como mostra o Jornal Gazeta do Triângulo de 22 de novembro de 1964:

Realmente arcaica há muito tempo a Praça Manoel Bonito está reclamando atenção e cuidado de nossas administrações. Vimos que o Sr. Prefeito já procurou melhorá-la um pouco devastando-a de tantas remagens e árvores ressequidas, velhas, que não sendo ornamentação alguma ainda a sujavam com folhas e cascas (...) Só sua idéia Sr. Prefeito já merece aplausos, mas que sua concretização seja breve e que dela possamos nos orgulhar.

Neste último projeto realizado na Praça Manoel Bonito, fica claro a relação íntima que espaço e sociedade estabelecem e como a fusão de ambos acarreta consequências na imagem da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada junto ao Arquivo Público e a visitas a cidade de Araguari colaboram o pensamento da importância histórica do papel desenvolvido pelas praças no espaço urbano, seja na vida social, religiosa e política de uma sociedade. Nota-se a considerável modificação que esses espaços sofrem com o passar do tempo: se afastam de sua

morfologia inicial e se adequam a novos usos. Esse uso está diretamente relacionado à dinâmica urbana; em constante modificação de estilos, gostos, hábitos recém-adquiridos, intenções político-administrativa e modismos de uma determinada época.

Portanto, entende-se o espaço urbano como um meio de articulação e promoção política; de expressão cultural e social de uma sociedade; é nele que se dá o acontecimento festivo, social, econômico e nele também o homem é capaz de expressar os pensamentos e ações convenientes a uma determinada época.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais, Fapemig, pelo financiamento da pesquisa através do projeto “Demanda Universal”; ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica concedida pela cota institucional da Universidade Federal de Uberlândia; às historiadoras Juscélia e Maria Aparecida do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto em Araguari- MG.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Junia Marques. Praça: Território de sociabilidade; uma leitura sobre o processo de restauração da praça da liberdade, em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, Campinas, 1998.

CASIMIRO, Ana Maria Bittencourt Santos. Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia: Educação, Lei, Ordem e Justiça no Brasil Colonial.

DELSON, Roberta Marx. Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no Século XVIII. Brasília: Ed. ALVA-CIORD, 1979.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da Língua portuguesa. Ed. Nova Fronteira, 1985.

LEMOS, Carlos A. C. O que é Arquitetura. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARX, Murillo. Nosso chão: do sagrado ao profano. São Paulo: Edusp, 1989.

ROBBA, Fábio e MACEDO, Sílvio Soares. Praça Brasileiras. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

SANTOS, Paulo Ferreira. Formação de cidades no Brasil Colonial 1904 – 1988. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

SITTE, Camillo. A Construção das cidades segundo seus princípios Artísticos. São Paulo, Ática, 1989.

SOARES, Igor Norbert. Praças: Funções e Inter-relações. Dissertação de Mestrado, Passo Fundo/RS, 2007.

TEIXEIRA, Manuel. Os Modelos Urbanos Portugueses da Cidade Brasileira. Revista Urbanismo de Origem Portuguesa, Revista eletrônica do Centro de Estudos de Urbanismo e Arquitectura, n. 3, abr/2001. Disponível em: http://revistas.ceurban.com/numero3/artigos/artigo_07.htm. Acesso em janeiro de 2011.

TEIXEIRA, Manuel & VALLA, Margarida. O urbanismo português, séculos XIII-XVIII, Portugal-Brasil. Lisboa: Novo Horizonte, 1999.